

Banco Mundial (Bird), ao final de 2002. Desde 1999, o Bird já financiou cerca de R\$ 968 mil, com a contrapartida do Estado.

Os recursos são empregados em campanhas preventivas, capacitação de recursos humanos, desenvolvimento institucional (acompanhamento de ações e aquisição de equipamentos), gerenciamento, contratação de consultores, entre outras atividades que estão incluídas na prevenção, promoção, proteção, diagnóstico e tratamento de pessoas portadoras do vírus HIV ou outras doenças sexualmente transmissíveis.

A nova modalidade de financiamento será fundo a fundo e os objetivos desta política são ampliar, consolidar e institucionalizar a resposta nacional à epidemia de HIV/Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis, quantificando as relações de parceria entre o ministério e as secretarias de Saúde. Pretende, ainda, garantir a transparência e o fluxo contínuo de recursos para os programas estaduais e municipais, por meio de repasse automático fundo a fundo, em conta específica, em duodécimos, acrescidos de aplicação de recursos locais. Uma outra finalidade é aprimorar o processo de participação e controle social em âmbito local e firmar parcerias com os três níveis de governo no diálogo com a sociedade civil.

“O principal critério para o Estado ou o município ser contemplado com recursos é o critério epidemiológico, sendo necessário no período de 1992 a 2002, a notificação de 60 casos de Aids”, revela Fátima Rodrigues. O objetivo final é reduzir a incidência por HIV e outras DSTs, ampliando o acesso e a qualidade do tratamento e da assistência.

Um plano de ações e metas será enviado à Comissão Intergestora Bipartite e à apreciação do Conselho Estadual de Saúde, para depois seguir para a Comissão Intergestora, no Ministério da Saúde, visando sua aprovação. Toda essa tramitação ocorrerá até o próximo mês. No total o plano contempla R\$ 884 mil para o Estado de Alagoas, dos quais 10% serão repassados a organizações não- governamentais mediante a apresentação de projetos prioritários relativos a atividades em DST e Aids, passando por processo de concorrência estadual.

O Dia (Brazil) Gravidez, drogas e aids

17 de novembro 2002

Magno de Aguiar Maranhão

Presidente da Associação Nacional dos Centros Universitários - ANACEU
Crianças e adolescentes em todo o planeta vêm recorrendo a drogas cada vez mais cedo, contraindo Aids devido ao uso de drogas injetáveis, tendo relações sexuais sem ligar a mínima para a probabilidade de contrair uma DST (doença sexualmente transmissível) e dando à luz filhos indesejados. Claro que, algumas vezes, o envolvimento de um indivíduo em situações que colocam em risco sua integridade física e mental é posto na conta da desinformação. Não se pode alegar, porém, que estudantes urbanos, bombardeados ininterruptamente por notícias sobre os temas acima, não estão cientes das possíveis conseqüências

de seus atos. O problema, portanto, reside mais na falta de formação, não de informação - isto é, na incapacidade de entender ou refletir acerca das informações transmitidas, ouvir argumentações, construir uma opinião e agir positivamente na relação consigo mesmo, com o outro, com a comunidade. Há quem diga que a conduta destrutiva nos jovens é estimulada por uma sociedade excludente, que poucas perspectivas oferece para o futuro. Será? A História nos lembra que a sociedade jamais foi justa; ética e respeito ao cidadão de qualquer idade nunca foram traços marcantes de civilização alguma; e o futuro, por uma razão ou outra, sempre inspirou pavor. Mas a juventude está mais vulnerável. Por que? Por um lado, há a o fenômeno da mídia, que incita ao consumo de estilos de ser e agir, que prometem aceitação e ascensão do adolescente ao mundo adulto, no qual ele quer desesperadamente entrar. Por outro, há a facilitação do acesso às drogas e sua associação a um estado de prazer e poder frente a uma sociedade cada vez mais complexa, onde a sobrevivência depende de um auto-aperfeiçoamento constante. Frágil diante de tantas exigências, ansioso para se inserir em um grupo que o apoie nesta transição, ele é presa fácil. E, quanto menores as chances de explorar seus talentos e discutir suas aflições, mais fácil será. Ilusão achar que um calhamaço de dados sobre sexo e drogas o farão dizer: ah, eu não sabia, então não faço mais isso. A situação é alarmante. A idade em que se usa drogas pela primeira vez baixou na mesma proporção que o acesso a informações aumentou. O consumo de álcool já se inicia aos 11 anos, de tabaco aos 12, de maconha aos 13 e, pouco mais tarde, de cocaína, crack e drogas injetáveis que, segundo o Ministério da Saúde, são a causa de 22 por cento dos casos de Aids no país desde 1980 (cerca de 180 mil). De 19 mil jovens infectados com o HIV, mais de 35 por cento usavam drogas injetáveis, e 40 por cento das meninas infectadas contraíram o vírus em relações com usuários (duas em três adolescentes dispensam preservativos). Não se concebe que uma escola, hoje, não saiba que postura adotar quando as drogas, a Aids ou uma gravidez ofuscam a Matemática e o Português. Trata-se de uma realidade reconhecida pelo Ministério da Educação, que lançou, nas Diretrizes Curriculares para o ensino fundamental e médio, os temas transversais - a serem abordados no âmbito de qualquer disciplina a fim de promover a educação integral do indivíduo. Resta proporcionar aos estabelecimentos infra-estrutura para que isso se faça de forma efetiva.

O Liberal (Brazil)

17 de novembro 2002

Frente a frente com o vírus da aids

Suely Nascimento - Especial para o Caderno Mulher

Infectologista e professora universitária, Cléa Bichara se destaca pelos trabalhos realizados no controle da disseminação do vírus HIV. Há quatro anos à frente da Sociedade Paraense de Infectologia, ela ressalta a importância de campanhas preventivas e educativas sobre o assunto.